

A única opção

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular aposentado da Unicamp, doutor e livre docente da USP e escritor

A rapidez com que chegam as notícias, a pressa com que as lemos, ou as ouvimos, e a superficialidade com que as absorvemos fazem com que, com frequência, não prestemos a atenção devida a algumas informações relevantes e façamos juízos apressados, baseados em visões preconcebidas. A situação política na região que denominamos Oriente Médio é um caso que desperta paixões, afirmações levianas e críticas violentas a todos os personagens do drama que se passa em um palco em que, séculos atrás, atuaram atores de importância histórica — Jesus, Moisés, David e Golias, e tantos outros. O cenário também é familiar, pois falamos de Jerusalém, da Galileia, do Mar Morto e de Gaza, entre outros locais tão próximos de nossa cultura.

Alguns dados quantitativos são importantes para que saibamos o tamanho de alguns dos atuais personagens. Israel, por exemplo, tem, atualmente, cerca de 22 mil quilômetros quadrados, o equivalente a Sergipe, o menor dos estados brasileiros. Apenas como comparação, o Irã tem cerca de 1.648 mil quilômetros quadrados, é aproximadamente 75 vezes maior do que Israel. Não o dobro, ou o triplo, mas 75 vezes maior. A população do Irã, cerca de 87 milhões de habitantes, é 10 vezes maior do que a israelense. Esses números são interessantes e importantes, pois não se pode reproduzir a imagem de um Israel gigante em território e população. Enquanto Israel não passa de um Vale do Paraíba em território, o Irã equivale a mais de cinco vezes o tamanho de todo o estado de São Paulo.

Mas esses números são o de menos. Interessa mais conhecer o processo de formação do Estado de Israel para podermos entender melhor o que está se passando por lá. Judeus nunca tiveram, na Antiguidade, uma estrutura estatal poderosa. Por mais que David e Salomão apareçam nos escritos do cânone bíblico como importantes monarcas, os historiadores especializados no tema seriam incapazes de comparar Judá ou Israel a Egito, Babilônia ou Pérsia. E o templo de Jerusalém, por mais bonito que fosse, não era uma construção do porte de outros, em termos de grandeza. Mas a documentação deixa claro que o monoteísmo ético diferenciava esse povo de vários outros, mesmo em períodos em que líderes políticos e religiosos não eram nada de excepcional e se utilizavam do poder para enriquecer e favorecer seus parentes e amigos.

De qualquer forma, o importante, aqui, é ressaltar que, mesmo depois do ano 70 — quando o templo de Jerusalém foi

arrasado, a região se tornou uma província romana e muitos judeus se espalharam pelo mundo —, nunca deixou de haver uma identidade judaica, uma espécie de identidade nacional (antes até de uma concepção moderna de nação existir), e, até nas rezas, os judeus sempre falavam em retornar a sua terra de origem. Isso para deixar claro que a ideia do retorno a Sion não tem nada a ver com imperialismo inglês, em submeter habitantes originários, ou algo do gênero, como afirmam alguns desinformados.

Pelo contrário, a colonização judaica moderna da Palestina levou para a região, inicialmente, rapazes e moças da Europa Central e Oriental, provenientes do Império Czarista, esquerdistas, que tinham como objetivo criar células socialistas, o kibutz, onde nem a roupa de trabalho era propriedade pessoal, mas coletiva, as crianças eram criadas coletivamente, as refeições, também, e tinha como um dos objetivos resgatar os árabes palestinos de sua situação de penúria, explorados que eram pelos proprietários de terra, também árabes. Problema social, não nacional.

As coisas tomaram um rumo diferente quando os ingleses venceram os turcos, o

general Allenby ocupou a região em 1917 e a Inglaterra se tornou potência mandatária, situação que sustentou até 1948, quando a ONU, em assembleia geral comandada pelo brasileiro Osvaldo Aranha, dividiu a Palestina em duas partes: uma destinada aos judeus e a outra, aos árabes palestinos. Assim, não é verdade que a ONU não tenha se preocupado com os palestinos, como reiteram alguns desinformados (ou mal-intencionados). O problema, na ocasião, foi que os palestinos caíram no conto de alguns países vizinhos, que não achavam interessante a presença de um Estado moderno e democrático tão próximo deles, e se propuseram, juntos, a literalmente “jogar os judeus no mar”. Não conseguiram. E não conseguirão, mesmo sendo muitos contra poucos.

A solução é óbvia: os lados devem sentar-se, em volta de uma mesa, sem condições prévias, e encontrar uma solução. Há muita terra inculca e muitas áreas não aproveitadas na região. Há lugar para que esses povos, ambos originários da região, possam desenvolver sua cultura lado a lado, em paz. É o que as pessoas de boa vontade, do mundo todo, precisam desejar. E não apenas é possível, mas é a única opção.



Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Um réquiem para o Rio Amazonas

Já é consenso entre muita gente que, num futuro não muito distante, a luta pelo domínio de fontes de água potável será o principal motivo de guerras devastadoras entre as nações. Em alguns locais do planeta, hoje em dia, essa é uma realidade visível. O aquecimento global, que para alguns é uma ficção, cuida de apressar a escassez de água. A poluição dos cursos d'água em muitas partes do mundo e especialmente no Brasil é mais um fator a precipitar esses acontecimentos.

Não há, nem como intenção do governo, nem da população em geral, ações que visem proteger nossos rios e córregos. Isso quando se sabe que o descuido com esses cursos d'água irão ter efeitos seríssimos para as próximas gerações, inviabilizando a permanência de populações em vastas áreas do país.

A agricultura intensiva, realizada em grandes latifúndios e que têm como objetivo principal a exportação de grãos e de proteínas, tem ajudado também, e a seu modo, nesse processo acelerado de desertificação de nossas terras. Somadas a essas ações de destruição gradativa de nosso meio ambiente, o fogo, que tem surgido com cada vez mais frequência em toda a parte, vai tratando de reduzir a pó nossas riquezas naturais.

Muitas partes no interior de nosso país apresentam os resultados de nosso descaso secular com nossas águas. Rios e outros importantes cursos d'água, simplesmente desapareceram, deixando rastros que mostram os antigos leitos rochosos e arenosos expostos ao Sol. Servem hoje de caminho para os animais e homens, indiferentes a esses acontecimentos.

Toda a paisagem à nossa volta se apresenta hoje repleta de sinais e de maus presságios de que algo muito sério está prestes a acontecer. Esperar que toda essa nova realidade cruenta venha nos arrebatar, quando não haverá mais recursos possíveis de reverter essa situação, é uma insanidade e um crime contra o futuro. Somos igualmente todos responsáveis.

Obviamente que os governos federal, estadual e municipal são os maiores culpados desse descaso. As diversas fotos que mostram o raro fenômeno da seca extrema no Rio Amazonas, não deixam dúvidas de que estamos indo rumo a um novo e desconhecido mundo seco. Os institutos de meteorologia preveem que esse ano a estiagem será ainda maior.

Para se ter uma ideia dessa calamidade, quase 10% do território amazônico enfrenta seca severa. Em todo o território nacional, a área com seca extrema aumentou de 28% para 37%. O Norte do país é o que mais tem sofrido com essa situação. Também este ano, imagens de satélite indicam que mais de 517 mil hectares de área do Pantanal foram consumidos pelo fogo. E pensar que essa imensa área, era, até pouco tempo, uma grande região coberta por água, praticamente o ano todo.

Mas voltando ao Rio Amazonas, o maior curso d'água do mundo em volume e com uma extensão de quase 7 mil quilômetros de extensão corre sério risco, de num futuro próximo se transformar em lembrança. A situação que vinha sendo apressada pelas intensas queimadas e pela criminoso derrubada de árvores está sendo intensificada também pelo aquecimento global, que vem provocando um acentuado recuo das geleiras nos Andes, onde está nascente desse fabuloso rio. O pior é que esse derretimento das geleiras, que antes se acreditavam eternas, tem sido muito mais rápido do que o previsto.

A nascente desse imenso Rio, que no passado foi motivo de muitas dúvidas e incertezas, hoje, com a tecnologia de satélite foi localizado exatamente na nascente do Rio Apurimac, na encosta do Nevado de Mismo, na Cordilheira dos Andes, no Peru. A 5.600 metros acima do nível do mar. O derretimento rápido das geleiras dos Andes acende um alerta de que esse fenômeno irá ter sérias implicações sobre o Rio Amazonas.

Evidências levantadas pelo professor Jeremy Shakun, da Universidade de Boston, levam a crer que essas geleiras são muito menores agora do que em qualquer outro momento nos últimos 11 mil anos. Todas as pesquisas indicam que estamos de fato imersos na nova era do Antropoceno, em que as ações humanas passaram a influir profundamente nos destinos do planeta. Para o cientista não há dúvidas de que o recuo dessas geleiras está diretamente ligado a ações humanas, especialmente decorrentes da Revolução Industrial e das consequentes emissões de gases do efeito estufa.

A queima de combustíveis fósseis é o principal fator desse aquecimento. E pensar que ainda hoje, em pleno século XXI, estamos prestes a inaugurar a prospecção de petróleo justamente na bacia do Rio Amazonas, celebrando assim, com vela preta e caixão, o desfecho da epopeia nacional rumo a destruição do nosso país e de restante do planeta. Nossos músicos, que tanto apreço tem demonstrado a destruição do Amazonas, bem que poderiam compor agora um réquiem para esse rio que agoniza diante de nossos olhos. Como outros fizeram no Titanic.

» A frase que foi pronunciada

“Nunca foi tão urgente retomar e ampliar” a cooperação entre os países que têm a floresta em seu território.

Lula na abertura da Cúpula da Amazônia

» História de Brasília

No pequeno espaço de tempo em que esteve como presidente da República, o sr. Ranieri Mazzilli fez um número grande demais de nomeações, superior às necessidades, para quem ocupa a cadeira por poucos dias. (Publicada em 15.04.1962)

ELEIÇÃO NA UnB

Imagine uma universidade vibrante, diversa e acolhedora

» ROZANA REIGOTA NAVES — Ex-diretora do Instituto de Letras e ex-decana de Administração da Universidade de Brasília (UnB)

» MÁRCIO MUNIZ — Ex-diretor da Faculdade de Tecnologia da Universidade de Brasília (UnB)

As universidades públicas se constituíram como um dos pilares da democracia brasileira. São um anteparo fundamental a medidas autoritárias e ao conservadorismo político e social que ameaçam direitos, aprofundam as desigualdades, a exclusão e a marginalização, e impedem as transformações da sociedade. Se, de um lado, as universidades são responsáveis pela formação de profissionais qualificados e cidadãos críticos, de outro, são também produtoras de conhecimentos, tecnologias e inovações que devem fazer frente aos desafios contemporâneos.

Vivemos momentos de grandes desafios: as mudanças climáticas, expressão da crise ambiental global; o desenvolvimento e a aplicação ética e sustentável da inteligência artificial; as desigualdades sociais; as crises sanitárias; o desafio da manutenção e do fortalecimento da democracia. Também vivemos momentos de grandes potencialidades: a solidariedade como alicerce no enfrentamento da pandemia e de eventos climáticos extremos; as ações coletivas para a promoção de relacionamentos mais harmônicos entre sociedade e natureza; a organização social que rechaça e resiste às medidas autoritárias e à destituição de direitos.

No processo de consulta para a nova Reitoria da Universidade de Brasília (UnB), o desafio é o de promover a renovação: a alternância de poder, princípio fundamental dos ambientes democráticos. Não queremos permanecer com uma universidade partida, que privilegia setores ou grupos, uma universidade em

que as pessoas que atuam na base não têm sua contribuição considerada na formulação das políticas internas. Somos contrários a uma gestão centralizadora e burocratizada. A complexidade do mundo acadêmico exige dos futuros gestores experiência pedagógica, científica e administrativa, bem como o compromisso com uma gestão transparente e participativa, na construção desse novo momento histórico da nossa instituição.

Defendemos uma universidade efetivamente democrática, com diálogo permanente, transparência dos processos e ampla participação da comunidade universitária na construção dos projetos institucionais. Uma universidade inovadora, orientada para a justiça socioambiental, na perspectiva da construção de um futuro mais digno, inclusivo e sustentável. Uma universidade cujos ambientes acadêmicos e administrativos sejam humanizados, saudáveis e livres de assédio, em que a equidade prevaleça, a diversidade e as epistemologias plurais sejam respeitadas e as competências técnica e acadêmica sejam valorizadas. Uma universidade vibrante, relevante e necessária para o seu território, para o país e o mundo.

Nossa proposta de programa para a gestão da UnB é fruto de uma longa jornada de trabalho, diálogo e participação ativa da comunidade vinculadas aos quatro campi — Darcy Ribeiro/Plano Piloto, FUP/Planaltina, FCE/Ceilândia e FGA/Gama — que vive a UnB e deseja mudança! Nosso postulado de gestão é alçar a diversidade, a equidade e a inclusão como eixos estruturantes e imprescindíveis de uma universidade pública, gratuita,

autônoma e de qualidade. As ações propostas se estruturam em seis eixos: 1. Promoção da democracia e da participação; 2. Compromisso ético com a valorização das pessoas; 3. Excelência acadêmica como resultado da qualidade da produção de ciência e tecnologia face os desafios contemporâneos; 4. Excelência na gestão e qualidade nas estruturas de suporte às atividades- fim; 5. Equidade como postulado básico de uma universidade inclusiva, pluriversal e intercultural; 6. Compromisso com a justiça socioambiental.

Em um mundo cada vez mais individualista e de esfacelamento das relações, propomos a retomada da coletividade e da cooperação; em lugar da indiferença, propomos a empatia, que possibilita a evolução e a construção conjunta; contra negacionismos de toda sorte, propomos a defesa radical do conhecimento e o engajamento científico e político na realidade, pois, só assim, potencializaremos nossas competências e superaremos os desafios; contra o pessimismo e o conformismo, queremos ser coragem, esperança e proatividade para mobilizar a criatividade e a ousadia que emanam da pluralidade epistêmica, étnica e cultural que constituem nossa comunidade universitária.

Elegemos o lema Imagine UnB — participar e transformar como cerne de um projeto de universidade que quer abraçar a pluralidade e as potencialidades de uma nova UnB, dialogando, sobretudo, com as mais de 60 mil pessoas que, como nós, pisam diariamente o chão dessa universidade. Convidamos os(as) leitores(as) a imaginar e viver essa nova UnB!